

P. PORTO

26
FEV
21h30

ORQUESTRA
CLÁSSICA
DO POLITÉCNICO
DO PORTO





O domínio da arte e da cultura representa hoje, e cada vez mais, um importante vínculo entre as Instituições de Ensino Superior e a sociedade civil, sendo um dos eixos fundamentais da ação do Politécnico do Porto. Assumimos como imperativo o desafio cultural, como um diálogo prioritário com a sociedade e um compromisso com a própria comunidade do P.PORTO.

Somos hoje um espaço de reflexão e produção de novo conhecimento, reconhecido. Somos também agentes culturais inseridos num complexo criativo que dialoga em profundidade com os mais diversos protagonistas da programação local, nacional ou internacional; que forma profissionais de excelência na área, cujo reconhecimento ultrapassa fronteiras; que articula, de forma sustentada e crítica, a diversidade científica do nosso portfólio; que, por fim, sendo esta a nossa derradeira missão, abre-se à sociedade, garantindo um leque variado de exposições, conferências, cinema, concertos e festivais, colaborando ativamente na dinâmica cultural das cidades onde temos presença. Todos estes eventos permitem a aquisição de competências adicionais imprescindíveis, a partilha de ideias e um leque

de informação específica, contribuindo para a formação de cidadãos dotados de uma cultura transversal, aberta e global.

Somos um ecossistema cultural, onde valores como a responsabilidade, a crítica, o rigor e a liberdade marcam tanto a dimensão artística, como científica, essenciais ao exercício de uma cidadania ativa. Estamos convictos do poder criativo, crítico e transformador da cultura como um impulso determinante para uma mudança positiva da sociedade.

A Orquestra Clássica do Politécnico do Porto (OCPP) é, neste horizonte programático, um dos mais recentes projetos. Um projeto longamente acarinhado, destinado a um complexo de estudantes e alumni que possuem uma sólida formação instrumental, musical e artística e que ainda não se encontram no mercado de trabalho performativo. É nossa responsabilidade identificar e apoiar o talento e a excelência da nossa comunidade e dar-lhes palco: uma estrutura orquestral semiprofissional, na fronteira da formação e do mundo laboral.

João Rocha

PRESIDENTE DO POLITÉCNICO DO PORTO



A **ORQUESTRA CLÁSSICA DO POLITÉCNICO DO PORTO** (OCP)

é uma estrutura musical performativa, de cariz semiprofissional, criada e apoiada pela presidência do Instituto Politécnico do Porto. Tem como objetivos fundamentais proporcionar aos alunos e alumni da comunidade P.PORTO: i) uma estrutura musical orquestral que lhes permita empreender, desenvolver e aperfeiçoar uma atividade instrumental/orquestral, individual e coletiva, de forma regular e orientada; ii) um espaço de iniciação e contato com uma prática orquestral de cariz semiprofissional, que se posiciona entre uma atividade musical orquestral escolar, desenvolvida no âmbito de um currículo escolar formativo, e uma atividade musical orquestral profissional, desenvolvida no âmbito do mundo do trabalho profissional em música; iii) um lugar de apresentação e de valorização do talento musical e de uma prática instrumental, técnica e artística de excelência adquirida e desenvolvida ao longo de vários anos; iv) e um espaço de convívio e de partilha que se organiza a partir de um interesse comum, que se encontra muito para além da formação específica de cada um, que é a prática musical em conjunto/coletiva.

A OCPP tem, ainda, como missão dinamizar práticas artísticas e culturais junto de grupos socialmente desfavorecidos tendo em vista a promoção da igualdade de oportunidades na fruição cultural e fomentar o acesso de novos públicos à cultura; e intervir e prestar serviços, de forma proactiva, à atividade cultural desenvolvida pelos diferentes lugares e a diferentes níveis onde o Instituto Politécnico do Porto se insere e contribuir para a difusão do seu nome como instituição de educação superior de referência, também, no domínio sociocultural.

A OCPP é constituída, na sua formação de base, por 37 músicos e destina-se a todos os membros da comunidade discente IPP, sejam estes alunos ou alumni (com idade inferior a 35 anos) que demonstrem ter uma formação instrumental, técnica e artística, sólida.

A OCPP desenvolve, ao longo de cada ano, diferentes projetos artísticos, cada um com uma duração de uma semana de trabalho, liderados por diferentes jovens maestros e com uma preocupação constante de incluir nos seus concertos repertório de compositores portugueses. Para além da atividade orquestral,

que realiza em momentos previamente definidos, a OCPP irá, também, promover e apoiar, ao longo do ano, a realização de diferentes projetos de música de câmara, de número e geometria instrumental variável, com os seus instrumentistas - os *Solistas da OCPP*.

A OCPP apresentou-se, pela primeira vez, nos dias 6 e 7 de julho de 2019, no Auditório Magno do Instituto Superior de Engenharia do Politécnico do Porto e na sala 2 da Casa da Música, com a Sinfonia nº1 em Mib Maior, op.11 (1809?) de Domingos Bomtempo (1775-1842) e a Sinfonia nº1 em Dó Maior, op.21 (1799-1800) de Ludwig van Beethoven (1770-1827), sob a orientação do maestro Pedro Neves.

Posteriormente, foi dirigida, também, pelos jovens maestros José Eduardo Gomes, Luís Carvalho e Jan Wierzbka, em que interpretou diferentes obras de compositores portugueses: o Divertimento nº1, op.36 (1961) e o Concerto para Orquestra de Cordas em Ré, op.17 (1951), de Joly Braga Santos (1924-1988), as Duas Melodias para Orquestra de Cordas (1909) e A Morte de Manfred, para Orquestra de Cordas (1906), de Luís de Freitas Branco (1890-1955), a Suite Medieval (1958), de Frederico de Freitas (1902-1980) e a Pequena Suite, sobre peças para piano de F.L. Graça (2021), de Sérgio Azevedo (1968). E diferentes obras de referência da música ocidental europeia: a Sinfonia nº104,

Londres, em Ré Maior, Hob.I:104 (1795), de Joseph Haydn (1732-1809), a Sinfonia nº39 em Mib Maior, K.543 (1788) e The Impresario, Ouverture (1786), de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), a L'Hôtellerie Portugaise (1798), de Luigi Cherubini (1760-1842), a Sinfonia nº7 em Lá Maior, op.92 (1811/12), de Ludwig van Beethoven (1770-1827), a Sinfonia nº6 em Dó Maior, D.589 (1816), de Franz Schubert (1797-1828), a Sinfonia nº4 em Lá maior, op. 90 (1833/34), de Felix Mendelssohn (1809-1847) e as Danças Populares Romenas, para Orquestra, Sz. 68 (1917), de Bela Bartok (1881-1945).

No passado dia 4 de setembro do corrente ano, no Coliseu Porto Ageas, a Orquestra Clássica do Politécnico do Porto interpretou a ópera *Così fan tutte*, de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) com libreto de Lorenzo da Ponte, dirigida pelo maestro Cesário Costa com encenação de António Durães.

Os concertos da OCPP têm-se realizado em diferentes espaços de concertos, designadamente, na Casa da Música, Igreja de Nossa Senhora da Lapa, Igreja e Torre dos Clérigos, Teatro Louletano de Loulé, Coliseu Porto Ageas, Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery e no Teatro Municipal de Leiria José Lúcio.



DIOGO COSTA | MAESTRO

Nascido em 1989, Diogo Costa é um jovem maestro com experiência num vasto repertório musical que abrange desde a música antiga até à música contemporânea.

Entre os seus projetos recentes e futuros incluem-se os convites para a Hallé Orchestra e a Filarmónica da BBC em Manchester, a Orquestra Nacional de Gales da BBC, a Orquestra Gul-

benkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra do Norte, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica do Centro, a Orquestra d'Almada, a Orquestra Clássica de Espinho, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e a West European Studio Orchestra com a qual tem vindo a gravar em diversos estúdios, entre eles o lendário Abbey Road, em Londres.

Nutrido um interesse especial pela Ópera, Diogo Costa tem vindo a trabalhar na produção de várias Óperas com alguns dos mais destacados encenadores e maestros. Em 2019, trabalhou como maestro assistente de Lorenzo Viotti na produção da Ópera Romeu e Julieta de Gounod, com a Orquestra e Coro Gulbenkian e, no mesmo ano, enquanto maestro assistente de David Azagra na produção da Ópera O Elixir do Amor de Donizetti no projeto "Ópera Jóven" em Espanha. Recentemente estreou-se enquanto maestro principal na produção da Ópera A médium de Menotti, no Operafest Lisboa, que recebeu as melhores críticas internacionais.

Presença constante em diversos concursos internacionais, foi finalista, em 2020, no Mackerras Fellowship da Ópera Nacional de Inglaterra e Semifinalista na Siemens Hallé International Conducting Competition.

Iniciou os seus estudos musicais na Banda de Música de Antas (Esposende), prosseguindo-os na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo e na Escola Superior de Música de Lisboa. Em 2010, começou os estudos em Direção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra – Metropolitana, com o conceituado pedagogo Jean-Marc Burfin. Concluiu com distinção a pós-graduação no



Royal Northern College of Music de Manchester (Inglaterra), onde frequentou o Mestrado em Direção de Orquestra sob a orientação de Mark Heron e Clark Rundell. Aqui teve a oportunidade de trabalhar como maestro assistente de Juanjo Mena, John Storgårds e Sir Andrew Davis na Orquestra Filarmónica da BBC, e Vasily Petrenko na Orquestra Filarmónica Real de Liverpool. Em complemento, tem realizado masterclasses com Sir Mark Elder, Peter Eötvös, Martyn Brabbins, Douglas Bostock, Johannes Schläefli, Jean-Sébastien Béreau e Emilio Pomàrico. Em 2013 participou como maestro assistente de Boris Gruzin na produção do bailado Cinderela, de Prokofiev,

com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Companhia Nacional de Bailado.

Atualmente é Diretor Artístico e Maestro da Banda de Música de Antas, com a qual tem vindo a conquistar diversos prémios dentro e fora do país, e professor de Orquestra na Escola Profissional Artística do Alto Minho.



ORQUESTRA CLÁSSICA DO POLITÉCNICO DO PORTO

MAESTRO

Diogo Costa

FLAUTA TRANSVERSAL

Inês Sofia Lopes Alves

Joana Marisa Pereira Ferreira

OBOÉ

Telma Mota

Sara Moreira

CLARINETE

Francisca Tomás

Joana Oliveira Lima

FAGOTE

Pedro Rodrigues

Bruna Filipa Ramos Carvalho

TROMPA

Luís Oliveira

Cristiano Pinho

TROMPETE

Marco Silva

Pedro Gonçalves

TÍMPANOS

Jonathan Silva

VIOLINO I CONCERTINO

Gonçalo Melo

VIOLINO I

Graça Gandra

Fabiana Fernandes

Alexandra Florim N. de Sá Camboa

Catarina Resende

Joana Marques

Sara Nunes

VIOLINO II

João Chicória

Mafalda Tuna

Joana Machado

Catarina Rodrigues

Teresa Tenrinho

Vitor Filipe Oliveira Damião

VIOLA D'ARCO I

Emídio Ribeiro

Rita Carreiras

Maria Almeida

Ana Rita Gomes da Costa

Márcia Marques

VIOLONCELO I

Lauro Lira Lopes

Burak ozkan

Fábio Pinto

Julia Barahal

CONTRABAIXO

Joao Fernandes

André Couto Moreira

Wolfgang Amadeus Mozart nasceu na cidade de Salzburg, a 27 de Janeiro de 1756, vindo a falecer, em Viena, a 5 de Dezembro de 1791. Filho de Anna Maria Mozart e de Leopold Mozart (violinista, compositor e vice-Kapellmeister do arcebispo de Salzburg), desde muito cedo, demonstrou, uma genialidade musical precoce, tanto como intérprete como compositor.

Entre os anos de 1762 e 1773, na companhia da família ou de apenas do seu pai, enceta uma série de viagens pelas principais cidades da Europa tendo em vista a tão almejada promoção e afirmação do seu dom musical, mas também, a consolidação da sua formação e a procura de novas formas de sobrevivência para o exercício da sua actividade como músico artista livre. Cidades como Viena, Munique, Ausburg, Mannheim, Bruxelas, Paris, Londres, Antuérpia, Zurique, Roma ou Milão, são algumas das muitas visitadas pela família Mozart durante este período.

Após 1773, Wolfgang Amadeus Mozart ainda realiza uma nova viagem/tournée, entre 1777 e 1778, acompanhado apenas pela sua mãe, que o leva, uma vez mais, até à cidade de Paris, mas sem despertar o interesse que outrora granjeava junto dos diferentes públicos. Os seus dias como menino prodígio itinerante pelo mundo cortesão pareciam ter chegado ao fim. O meio aristocrático e burguês europeu parecia estar mais interessado na contro-

vérsia da moda entre Nicolò Picinni (1728-1800) e Christoph Gluck (1714-1787), entre os defensores da verdadeira ópera (a ópera de tradição italiana) e os da nova ópera alemã, do que na actividade musical produzida por um jovem prodígio.

Em 1778, regressa à sua cidade natal, sozinho porque a sua mãe tinha morrido durante a viagem a Paris, e aceita o lugar de organista da corte e da catedral ao serviço do novo arcebispo de Salzburg, Hieronymus Colloredo, embora mantendo com este uma relação tensa e de grande hostilidade que o leva, três anos mais tarde, a solicitar a sua demissão. Liberto deste compromisso, vai para Viena e casa-se, em 1782, com Constanze Weber.

Nos anos subsequentes, Wolfgang Amadeus Mozart ainda realiza várias viagens mas que visam, fundamentalmente, dar resposta a encomendas musicais ou a propostas de apresentação de obras suas em concertos: desloca-se à cidade de Munique, em 1781, para a produção da ópera *Idomeneo, Rè di Creta* (1780); à cidade de Praga, em 1787 e 1788, para apresentação da Sinfonia nº38 "Prague" (1786) e da ópera *Don Giovanni* (1787), encomendada pelo teatro da cidade; à cidade de Viena, em 1790, para a produção da ópera *Così fan tutte* (1789), encomendada pelo imperador Joseph II da Áustria, entre muitas outras.

A obra musical de Wolfgang Amadeus Mozart, tal como a de Haydn ou de Beethoven, excede o domínio do seu tempo, assumindo um carácter revolucionário e universal no seio da história da música ocidental. Tem uma dimensão avassaladora e inovadora, que se estende pelos diferentes géneros e formas musicais. A música de Wolfgang Amadeus Mozart denota uma grande maturidade, que se distingue pela sua beleza melódica, pela sua elegância formal e pela sua riqueza harmónica e tímbrica. É uma música supranacional, no sentido em que estabelece um equilíbrio feliz entre a tradição instrumental alemã e austríaca e os elementos característicos tanto da ópera italiana como da música francesa.

Idomeneo, música para ballet, K.367, é uma obra musical que reúne as diferentes partes de dança incluídas na ópera séria com o mesmo nome, composta em 1781, a convite do príncipe Eleito da Bavaria, por Wolfgang Amadeus Mozart, com apenas vinte e quatro anos de idade, sobre o libreto de Giambattista Varesco a partir de um texto original do dramaturgo francês Antoine Danchet. É composta por um conjunto de cinco danças estilizadas de carácter contrastante e bem definido, *Chaconne*, *Pas de seul*, *Passepied*, *Gavotte* e *Passacaille*, e uma marcha final (*Marcia*) conclusiva.

Fernando Lopes-Graça, figura incontornável da vida musical portuguesa, muito em especial durante o período do Estado Novo, nasceu a 17 de dezembro de 1906, em Tomar, e morreu a 27 de novembro de 1994, na Parede, município de Cascais. Realizou os seus estudos musicais no Conservatório Nacional de Lisboa, com os músicos Tomás Borba, Freitas Branco e Viana da Mota, e, anos mais tarde, em Paris, com Charles Koechlin. Fernando Lopes-Graça desenvolveu uma intensa atividade musical como compositor, pianista, crítico, conferencista, organizador e regente de coros amadores. Recorde-se que em virtude das suas convicções ideológicas e das atividades políticas em que se envolveu de forma ativa (foi preso pelo menos duas vezes), viu, frequentemente, serem barradas as suas aspirações académicas e profissionais (a não homologação da sua nomeação para docente do conservatório nacional ou a revogação da decisão favorável de um júri para atribuição de uma bolsa de estudo no estrangeiro são dois bons exemplos deste “impedimento”). Em 1942 criou uma sociedade de concertos de música moderna - Sonata - e em 1951 a revista *Gazeta Musical*.

Sobre as características musicais do seu imenso e variado catálogo de obras, diz-nos João José Cochofel que Lopes-Graça tem “uma linguagem harmónica livre, mas de base funcional, um dissonantismo diatónico,

uma rítmica percutiva alternando com uma polirritmia linear (...) e do ponto de vista da expressão, um lirismo claro e terso, de raiz popular e mais propriamente peninsular.” (in *Dicionário de Música* de Tomás Borba e Fernando Lopes-Graça).

Atributos musicais de que a Sinfonieta, ou pequena sinfonia em “Homenagem a Haydn”, op.220, composta para a Orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1980 (muito embora tenha sido revista cinco anos mais tarde), com os seus quatro andamentos estruturalmente contrastantes (uma abertura lenta seguida de um allegro moderato tematicamente desenvolvido, um segundo andamento lento com um pendor modal, um terceiro andamento em forma de *scherzo* vivo e um rondo muito simples no último andamento) e uma instrumentação clássica, é um bom exemplo da sua escrita.

Sergey Prokofiev, compositor e pianista, nasceu na cidade Sontzovka, Ucrânia, a 23 de abril de 1891, no seio de uma família cultural e economicamente privilegiada, e morreu, em Moscovo, Rússia, a 5 de março de 1953 (no mesmo dia em que morreu Josef Stalin).

Iniciou os seus estudos musicais, ainda muito novo, com a sua mãe (pianista) e, posteriormente, em 1902, com o compositor russo Reinhold Glière (1875-1956). Em 1904, aconselhado e apoiado por Alexander Glauzunov (1865-1936), ingressou no Conservatório de São Petersburgo, onde desenvolveu e aperfeiçoou as aprendizagens do piano, da composição e da orquestração com Anatoly Lyadov (1855-1914), Alexander Winkler (1865-1935) e Rimsky-Korsakov (1844-1908). Sergey Prokofiev concluiu o curso de composição no ano de 1909 e o curso de piano em 1914, com o qual obteve o ilustre e almejado prémio Rubinstein.

A instabilidade política, cultural e social, gerada pelas revoluções russas de Fevereiro e Vermelha, durante o ano de 1917, obrigou o compositor, à semelhança do ocorrido com outros músicos de origem russa, a abandonar o país. Sergey Prokofiev parecia acreditar que todo este ambiente revolucionário não lhe seria propício nem benéfico para o desenvolvimento da sua carreira musical como intérprete e como compositor ávido de uma modernidade efervescente (recorde-se que

algumas das suas obras foram censuradas pela associação russa dos músicos proletários e proibida a sua execução pública). Por isso, o período entre os anos de 1918 a 1936, ano em que regressou definitivamente à Rússia, foi vivido entre diferentes lugares dos EUA (de 1918 a 1922) e da Europa (de 1922 a 1936), onde se apresentou, regularmente, nas principais salas e teatros, tanto como intérprete como compositor. Durante este período Sergey Prokofiev estabeleceu contatos com inúmeras figuras de relevo da cultura ocidental, nomeadamente com os seus compatriotas russos, Igor Stravinsky e Serge Diaghilev dos Ballets Russes.

clássica, devido à simplicidade da sua escrita e à brevidade dos seus quatro andamentos, foi composta por Sergey Prokofiev entre os anos de 1916 e 1917. É uma obra musical de grande leveza e brilho, de linguagem tonal, com secções, texturas e transições vibrantes e dinâmicas, muito próxima de um estilo galante clássico, onde os elementos musicais do passado e os novos elementos do estilo moderno se interligam de forma equilibrada e original.

A obra musical de Sergey Prokofiev é constituída por uma diversidade de composições, de diferentes géneros e para múltiplas formações, que nos testemunham, de uma forma clara e bastante refinada, as opções estéticas e musicais do compositor: a influência das matrizes nacionalistas, a utilização de uma amálgama de materiais, sonoros e temáticos, e de esquemas formais tradicionais em novos contextos musicais, o recurso a um melodismo tonal de contornos amplos e liricamente exacerbados ou a intervenção acutilante de uma harmonia com inversões e alargamentos arrojados e com justaposições dissonantes, entre muitas outras.

A Sinfonia nº1, em Ré Maior, op.25, vulgarmente conhecida pela designação de sinfonia

PROGRAMA

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756-1791)

IDOMENEO, BALLET MUSIC K. 367 (1781) - ca 30'

Chaconne

Pas de seul

Passepied

Gavotte

Passacaille

Marcia

FERNANDO LOPES-GRAÇA (1906-1994)

SINFONIETA (HOMENAGEM A HAYDN), OP.220 (1980) - ca 15'

Adagio – Allegro – Moderato

Andante

Gaio

Allegro con spirito

SERGEY PROKOFIEV (1891-1953)

SINFONIA Nº1 EM RÉ MAIOR, OP.25 "CLÁSSICA" (1916/17) - ca 16'

Allegro

Intermezzo. Larghetto

Gavotte. Non troppo allegro

Finale. Molto vivace

DIOGO COSTA | maestro

ORQUESTRA CLÁSSICA DO POLITÉCNICO DO PORTO

